

Desafios à memória, ou a tentativa de escrever algumas linhas de um pequeno texto memorialista

Isabel Martins
imartins@uporto.pt
Reitoria da Universidade do Porto

Com elevada estima pelas duas pessoas, a que me dirigiu o convite para este desafio e a homenageada nestas linhas singelas, aceitei com gosto e elevada satisfação escrever um pequeno texto de memórias e recordações, que me permitiu visitar em retrospectiva, momentos e episódios de um tempo passado, recordadas no presente e perpetuados nestas linhas no futuro, que desejo auspicioso e esperançoso.

Este relato de memórias é escrito num tempo singular em que vivemos. Um tempo emotivo que marca o presente, que nos faz refletir, questionar, até antecipar o futuro, e que nos trás recordações do passado.

Um tempo quase sem tempo. Em que o impensável se tornou a realidade de cada um de nós. Confinados às nossas casas já lá vão mais de 3 meses. Parece que estamos todos num compasso de espera para ver o que nos reserva a vida. Passou a primavera, o verão está aí e continuamos a remoer incertezas e a aguardar pacientemente pelas novidades. E este compasso de espera pelo que há-de vir, provoca-nos a memória, faz-nos retroceder e recordar lugares por onde passamos, pessoas que conhecemos, momentos vividos, palavras trocadas, sorrisos verdadeiros e amigos.

O mundo está estranho, é agora um lugar estranho e pelo menos para já, não se entranha, só se estranha, até porque este ano nos roubou a primavera. Não nos tirou o outono cinzento, ou o inverno frio, mas a primavera florida, como se ficássemos reféns entre quatro paredes e espreitando a medo e à socapa os jardins lá fora.

Nunca equacionamos que um vírus nos poderia mudar a vida de um dia para o outro. Mas mudou. Cidades vazias, ruas desertas, escolas fechadas, dias tristonhos, a vida em *stand-by*.

Damos valor à simplicidade das rotinas que tínhamos e que agora nos fazem tanta falta. Passamos mais tempo connosco e com os da casa. Lemos

mais. Escrevemos mais. Passamos mais horas em frente ao computador, mas é o papel e o lápis a quem recorremos para registar estas estórias da nossa “nova vida temporária”.

Na era das tecnologias e do mundo digital, para os momentos mais introspetivos e de diálogo interior, o papel continua a ser o veículo preferencial para estes registos, o mais amistoso, duradouro e empático.

Eu, que dedico a minha vida profissional às tecnologias educativas nem devia dizer/ pensar desta forma, mas tenho as raízes nas humanidades que não esmoreceram com o percurso que fui traçando deste que saí da Faculdade de Letras.

Mas antes de sair, entrei. E em 1992 cruzei-me pela primeira vez com a Professora Graça Pinto. Corredores escuros e sombrios do piso térreo da então Faculdade de Letras que ainda morava na Rua do Campo Alegre, vizinha do Palacete Burmester e do Jardim Botânico.

Os mesmos corredores que eram calcorreados de forma determinada e apressada pela Professora em direção à sala de aula. Entrava, fazia a chamada ao mesmo tempo que esvaziava o saco de livros que sempre transportava consigo. Enquanto esperava no corredor por uma outra aula, ia ouvindo a Linguística a fluir.

Reencontramo-nos anos mais tarde, 2000 creio, ocupava a Professora o cargo de Vice-Reitora da Universidade e eu, depois de alguns anos a dar aulas no ensino secundário, comecei a trabalhar no gabinete de ensino a distância, criado em 1998, com intuito de apoiar a vertente não presencial do ensino e aprendizagem da nossa Universidade.

A Professora regressou à Faculdade e eu continuei, teimosamente, na Reitoria, no gabinete, serviço, departamento, unidade de apoio ao ensino a distância e tecnologias educativas!

Mudamos de edifício, no início do ano de 2006, e de D. Manuel II passamos para a Praça Gomes Teixeira.

Na antiga casa da Faculdade de Ciências encontramos algumas vezes. A Professora visitava de quando em vez o serviço de educação contínua, para tratar de assuntos relacionados com o curso de estudos universitários para sêniores e mais tarde para lecionar e gravar um módulo do curso de atualização de professores de português língua estrangeira. Esta experiência foi bastante singular, porque queríamos gravar conteúdos vídeo para o

curso que seria lecionado numa 1ª edição em formato presencial e numa 2ª edição em formato a distância. A Professora apresentava consecutivamente argumentos que defendiam sempre, e em qualquer contexto e circunstância, a presença física dos estudantes. Lembro-me da frase que repetia frequentemente: “falar para uma câmara não é dar aulas; eu preciso de ver, de ter os estudantes”. Na altura esta posição quebrou “ligeiramente” o protocolo que tinha sido desenhado para esta formação que se pretendia a distância, mas acabamos por gravar o módulo com estudantes. Adaptou-se a estratégia e a metodologia porque, de facto, muitas vezes o Professor, no exercício da sua profissão, só se sente completo se tiver os seus estudantes “em presença”, para que haja “aquela” empatia e o verdadeiro ambiente de sala de aula!

No rescaldo deste curso de formação de professores colaborei com a Professora na escrita de um artigo sobre alguns dos resultados desta experiência, que foi apresentado numa conferência internacional de *ICT for Language Learning*, em Florença em 2010.

Numa espécie de friso cronológico de memórias e recordações, de contactos mais frequentes a outros mais espaçados no tempo, encontramos, digitalmente pelo menos, com alguma frequência e dos vários momentos guardo sempre a delicadeza e simpatia com que respondia às minhas questões, ou tirava dúvidas sobre tecnologia, na aceção mais lata do termo!

Só posso desejar que o tempo futuro venha cheio de mil coisas, que desafiem, que impacientem e que abra espaço nesse tempo para conversar, para ouvir ou simplesmente para ver.

Assim, evoco para estas linhas um poema de Alberto Caeiro que associo, ainda que de forma indireta e subjetiva, a este rol cronológico de recordações. Olhamos muitas vezes para as mesmas pessoas, para os mesmos lugares, para os mesmos objetos. Mas uns vêem-nos com olhos de aldeia, e outros com olhos de cidade.

Eu sou do tamanho do que vejo

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.

Na cidade as grandes casas fecham a vida à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a única riqueza é ver.

Alberto Caeiro em “O Guardador de Rebanhos – Poema VII”

Termino com uma frase simples que guardo da Professora e que algumas vezes me chegou em mensagens que fomos trocando, em contextos e sobre questões diversas: “Se ajudei, só posso ficar satisfeita.”

É com esta simplicidade que deixo um abraço de amizade e estima e um até já, num qualquer espaço da Nossa Universidade!

Porto, junho 2020